O centurião de Cesareia

I

Lemos no capítulo X dos Atos dos Apóstolos, versículos 1 a 6:

> *HAVIA pois em Cesaréa hum homem, por nome Cornelio, que era centurião da cohorte, que se chama Italiana, cheio de religião, e temente a Deos com toda a sua casa, que fazia muitas esmolas ao povo, e que estava orando a Deos incessantemente: este viu em visão manifestamente, quasi á hora de Noa, que hum anjo de Deos se apresentava diante d'elle, e lhe dizia: Cornelio. E elle fixando nelle os olhos, possuido de temor, disse: Que he isto, Senhor?*

> *Elle porém lhe respondeo: As tuas orações, e as tuas esmolas subirão para ficarem em lembrança na presença de Deos. Envia pois agora homens a Joppe, e faze vir aqui a hum certo Simão, que tem por sobrenome Pedro: este se acha hospedado em casa d'hum certo Simão curtidor de pelles, cuja casa fica junto ao mar: elle te dirá o que te convem fazer.*

II

> *E quando o anjo que lhe falava se retirou, chamou dois de seus servos e um soldado temente a Deus, dos que serviam sob suas ordens. E depois de lhes ter contado tudo, enviou-os a Jope... Tendo encontrado são Pedro, disseram-lhe: "O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, recebeu de um santo anjo a ordem de chamar-vos à sua casa e de ouvir as vossas palavras." São Pedro partiu com eles e, no dia seguinte, chegou a Cesareia. Cornélio os esperava, com seus parentes e amigos mais íntimos... e são Pedro os batizou.*

III

O virtuoso centurião é o primeiro gentio convertido pelos Apóstolos. Pelos Apóstolos, pois o príncipe etíope o fora pelo diácono Filipe. É ele quem abre o caminho glorioso em que tantos outros o seguirão. Não é nem são João, nem santo André, nem nenhum outro Apóstolo que Deus chama para o introduzir na Igreja. A honra está reservada a Pedro.

IV

Assim, mesmo nas circunstâncias aparentemente mais ínfimas, o Evangelho tem o cuidado de pôr em relevo a supremacia de são Pedro. O primeiro, depois de Nosso Senhor, a falar aos judeus; o primeiro aos gentios. Pastor de toda a Igreja, sua missão era reunir no mesmo aprisco os gentios e os judeus, que todos juntos deviam reconhecê-lo, venerá-lo, ouvi-lo como seu chefe e pai comum.

V

O texto sagrado refere em pormenor a história do batismo do bravo centurião; mas sobre a sua vida guarda silêncio absoluto. É impossível levantar uma ponta do véu que encobre uma existência tão gloriosamente privilegiada? Vamos pedi-lo à tradição. Lembremo-nos primeiro de que Deus, quando chama a si por favores esplêndidos, mostra a grandeza de seus desígnios sobre aqueles que deles são objeto. Por esse princípio, temos o direito de concluir que o centurião Cornélio deve ter ocupado lugar importante na Igreja primitiva.

VI

Sabemos que Cornélio era um gentio temente a Deus; que era homem de guerra; que estava de guarnição em Cesareia; que era centurião de uma coorte romana, e que essa coorte se chamava Itálica. Esses dados formam a base de sua história.

VII

Cornélio era um gentio temente a Deus, isto é, segundo a linguagem dos judeus, um prosélito da porta. Durante o reinado da lei de Moisés, havia duas espécies de prosélitos: os prosélitos da porta, *proselyti portæ*, e os prosélitos da justiça, *proselyti justitiæ*.

Os primeiros eram gentios que manifestavam o desejo de abraçar a religião judaica, mas não participavam nem da circuncisão, nem das cerimônias, nem dos mistérios da lei. Obrigavam-se apenas a nada dizer contra Moisés e a nada fazer contra os preceitos do Decálogo. No templo de Jerusalém, um lugar particular lhes era reservado, chamado átrio dos Gentios.

Os segundos recebiam a circuncisão, viviam segundo a lei de Moisés e participavam das cerimônias e dos mistérios de Jerusalém. Duas coisas os distinguiam dos judeus de origem: o nome

de prosélitos e a exclusão dos cargos públicos.

VIII

No momento de sua conversão, Cornélio se achava em Cesareia da Palestina. Edificada em honra de Augusto por Herodes I, no local da antiga fortaleza chamada torre de Estratão, Cesareia era uma cidade muito importante, a um dia de caminho de Jope, hoje Jafa.

IX

Por sua situação à beira do Mediterrâneo, era a chave da Palestina. Por isso os romanos fizeram dela uma praça de primeira ordem, na qual mantinham numerosa guarnição. Convertida ao cristianismo, Cesareia tornou-se a metrópole da Palestina e teve precedência sobre Jerusalém. Essa proeminência lhe foi conservada até meados do século VI. No concílio de Constantinopla, em 553, o papa Vigílio submeteu a igreja de Cesareia à de Jerusalém, que erigiu em sé patriarcal. Hoje Cesareia, caída em poder dos turcos, perdeu a importância e mudou seu nome para *Kaisarieh*.

X

Qual era o posto de Cornélio? Sob os Césares, a legião romana dividia-se em dez coortes de seiscentos infantes e sessenta cavaleiros. Por sua vez, a coorte se dividia em centúrias ou companhias de cem homens.

Como indica o nome, o centurião Cornélio comandava apenas cem homens ou, como se poderia concluir do texto evangélico, era o chefe de toda a coorte? É uma questão secundária, em que não queremos deter-nos. No primeiro caso, o posto de Cornélio corresponderia ao de capitão; no segundo, ao de coronel ou chefe de batalhão.

XI

Passando por cima desse pormenor, cheguemos ao ponto capital de nossas pesquisas: quem era o centurião Cornélio? Qual era a sua pátria e que foi dele depois do batismo?

XII

É certo que Cornélio é um nome patronímico romano. É o nome da *gens* ou raça Cornélia, a mais ilustre de Roma. Dissemo-lo em nossa Biografia do centurião do Calvário.

XIII

Daí uma aproximação que está longe de desagradar. O Menino-Deus chamara a seu berço os reis do Oriente, como primícias da gentilidade. São Pedro, seu lugar-tenente, conduz à fé, como primícias de seu apostolado entre os gentios, um homem do Ocidente, cuja raça não cedia, nem em poder nem em glória, a nenhuma dinastia real.

De que país era o homem privilegiado da Providência? A tradição mais autorizada o faz nascer na Espanha. Vamos às provas. A coorte de que fazia parte Cornélio chamava-se Itálica: *Centurio cohortis quæ dicitur italica*. Que coorte era essa e de onde vinha? Era costume que as coortes, como as legiões, tomassem o nome do país onde haviam sido levantadas.[1] Às vezes sua bravura e seus feitos lhes mereciam um cognome particular: *Ferrea*, *Pia*, *Fidelis*. Assim temos a Cita, a Gaulesa, a Germânica etc.

XIV

No tempo de que falamos, várias legiões romanas serviam na Síria. Tácito chama a III legião a Gaulesa; a IV, a Cítica; a V, a Macedônica; a VI, a Ferrata; a XII, a Fulminante; a XV, a Apolinar.[2] As medalhas sírias da mesma época concordam com Tácito.

Ora, uma das coortes da XV legião chamava-se coorte Itálica. Sabemo-lo com certeza pela seguinte inscrição:

> *A Lúcio Mésio Rufo, filho de Lúcio, da tribo Pália, procurador de Augusto, tribuno militar da XV legião Apolinar, tribuno da coorte militar Itálica, voluntária, que está na Síria, prefeito dos artífices pela segunda vez.*[3]

Pretende-se que a coorte Itálica era a primeira da legião. Nessa qualidade, tinha a guarda da águia, era mais forte que as outras coortes e marchava à frente delas.

XV

Eis um documento não menos precioso. Díon Cássio[4] nos ensina que a VI legião, a legião de ferro ou Ferrata, ocupava a Judeia.[5] Essa legião é famosa na história por sua bravura e fidelidade, e nos interessa pelo lugar onde se demorou durante longos anos. Estabelecida na Judeia por Augusto, ali ficou até o reinado de Nero, que a fez partir para a guerra da Armênia. De volta, retomou suas primeiras guarnições e as manteve até o momento em que Muciano a conduziu à Itália contra Vitélio.

XVI

E não é tudo: Goltzius refere uma inscrição que chama em termos próprios a VI legião *legio Hispanica*, legião espanhola.[6] Assim temos, pelo testemunho dos autores profanos, uma coorte chamada Itálica e uma legião chamada Espanhola, ambas estacionadas na Síria e até na Palestina, no tempo dos Apóstolos. Veremos logo quanto são preciosas essas indicações.

Entretanto, não é sem verdadeiro gozo que se vê a concordância do Evangelho com a história profana. Mais uma vez, tem-se piedade dos pequenos descrentes que quereriam fazer de Nosso Senhor um mito e dos fatos evangélicos fábulas sem relação com os fatos da história geral.

XVII

Para conhecer a pátria de Cornélio, resta achar a significação da palavra Itálica. Quer dizer da Itália? Alguns o pretendem. Lúcio Dexter e seu sapientíssimo comentador Bivário são de parecer contrário. Sustentam que a palavra *italica* quer dizer de Itálica, cidade da Espanha. Tudo leva a crer que têm razão.

XVIII

1º A palavra *italicus* quer dizer tão bem da cidade de Itálica que o célebre poeta Sílio Itálico, que foi cônsul sob Domiciano, se chamava Itálico pelo nome da cidade de Itálica, de onde era originário.

2º A palavra *italicus* se emprega bastante raramente no sentido de italiano, como provam numerosos exemplos; os autores dizem mais de bom grado *Italus*.

3º Era costume dar às legiões o número de ordem que correspondia ao da província romana onde haviam sido levantadas, segundo Tito Lívio; a sexta província romana era a Espanha Ulterior, isto é, a parte da Espanha situada além do Bétis ou Guadalquivir: *Provincia sexta Hispaniæ ulterioris*.

4º A Espanha Ulterior era, na Europa, a província mais afastada do centro do império. Ora, sabemos ainda por Tito Lívio[7] que as legiões eram ordinariamente enviadas a uma distância de Roma que correspondia à própria distância da província onde haviam sido recrutadas. Assim, as legiões Gaulesa, Espanhola e Germânica eram escolhidas de preferência para servir nos extremos do império, isto é, no Oriente. Assim ainda, a XVI coorte, a Sequanesa, servia na Capadócia.

5º A questão é decidida pelo fato de que a VI legião, presente na Judeia, se chamava a Espanhola.

XIX

Se os pormenores precedentes não nos dão ainda o sentido preciso da palavra Itálica, ajudam-nos poderosamente a achá-lo. Com efeito, na Espanha Ulterior, pátria da legião, havia uma cidade célebre, fundada por Cipião, o Africano, e chamada Itálica.[8] É hoje Sevilha a Velha, *Sevilla Vieja*. Tornada famosa entre todas as cidades da península Ibérica, Itálica deu à luz dois imperadores, Trajano e Adriano, e o cônsul Sílio Itálico.

XX

A coorte chamada Itálica, de que Cornélio era centurião, havia sido, pois, levantada nessa cidade, composta inteiramente, chefes e soldados, como era costume, de habitantes da mesma cidade; e, por essa razão, Cornélio tivera a mesma cidade por berço.

> *Não é — diz Barônio — da legião de que fazia parte, mas do país onde fora recrutada, que a coorte Itálica tirava o nome.*[9]

XXI

Seu nome romano não é objeção. Por um lado, como dissemos alhures, a cidade de Itálica fora fundada por Cipião, que era também da *gens Cornelia*. Seria de espantar que membros da mesma família viessem estabelecer-se numa cidade que devia a origem a um de seus antepassados, ou ali residissem como funcionários? Para gozar de consideração pública, talvez para avançar sua fortuna, poderiam estar mais bem colocados? Por outro lado, sabemos que havia Cornélios na Espanha. Sêneca cita, como seu contemporâneo, um célebre orador espanhol do nome de Cornélio.[10]

XXII

Uma coisa, aliás, é certa: havia então na Palestina numerosos soldados espanhóis, como prova a presença da VI legião. A essa legião, ou à coorte de Itálica, pertenciam talvez aqueles estrangeiros que pediram ao apóstolo santo Filipe ver Nosso Senhor: pois se tem que eram espanhóis. Não terá sido igualmente à solicitação dos espanhóis presentes na Judeia que o apóstolo são Tiago partiu como uma flecha e, sem parar em parte alguma, foi diretamente à Espanha?

XXIII

Aliás, não havia então na Judeia apenas espanhóis e soldados espanhóis: Herodes I tinha por guardas pessoais uma companhia de gauleses. Todos esses fatos, e outros ainda, explicam-se sem dificuldade e se admitem do mesmo modo. Naquele tempo, segundo refere Eusébio, a Palestina se

enchia de multidões inumeráveis, vindas das regiões mais distantes do globo para ver as coisas prodigiosas que ali se realizavam.

XXIV

Enfim, são Jerônimo nos parece confirmar claramente o que acaba de ser dito sobre a pátria de Cornélio. Respondendo a Lucínio, originário da Espanha Ulterior e ali residente:

> *É verdadeiramente em vós — diz-lhe — e em Cornélio, o centurião da coorte Itálica, que se verificaram estas palavras do Senhor: "Muitos virão do Oriente e do Ocidente e repousarão no seio de Abraão." O centurião Cornélio prefigurava a fé de meu caro Lucínio.*[11]

Mas em que a prefigurava? Era somente por sua fidelidade à Graça? O texto de são Jerônimo diz muito mais do que isso. Era sobretudo porque, originário do mesmo país que Lucínio, viera ao Evangelho dos extremos do Ocidente. Se se adotasse outro sentido, as palavras de são Jerônimo careceriam de exatidão, pois, no momento de sua conversão, o centurião Cornélio não estava nem nos extremos do Oriente, nem nos extremos do Ocidente, mas em Cesareia, não longe de Jerusalém.

O fim das pesquisas a que acabamos de entregar-nos não é apenas dar a conhecer o centurião de Cesareia, mas também autorizar a tradição relativa aos outros dois centuriões nomeados no Evangelho.

XXV

Lúcio Dexter fixa no ano 40 de Nosso Senhor o batismo de Cornélio; Barônio, no ano seguinte. A razão que dá é que, durante o ano 40, são Pedro esteve ocupado em Lida,[12] onde curou Eneias, o paralítico; depois, em Jope,[13] onde ressuscitou a boa Tabita e onde se demorou longos dias antes de voltar a Cesareia. Aos próprios olhos de Barônio, essa razão não é decisiva.[14]

XXVI

Seja como for, depois de seu batismo, Cornélio deixou o estado militar e tornou-se o discípulo bem-amado do príncipe dos Apóstolos, que o ordenou bispo de Cesareia. Seja para dar novo brilho à conversão do ilustre neófito, seja para mostrar por um fato público a substituição da sinagoga pela gentilidade, são Pedro fez de Cesareia a metrópole da Palestina, com precedência sobre Jerusalém.

XXVII

Entretanto, nos dias da Igreja nascente, os bispos eram, como os Apóstolos, missionários. Veem-se com bastante frequência passar de uma província a outra para correr a novas conquistas; seria de espantar que o digno bispo de Cesareia, romano e soldado, não tivesse dado semelhante exemplo. Assim, a tradição no-lo mostra ora na Fenícia, ora em Chipre, ora em Antioquia. Éfeso mesmo o recebeu.

Ali, tendo encontrado Timóteo, soube que a cidade de Escepsis, na Mísia,[15] era mais do que qualquer outra entregue ao culto de Júpiter e de Apolo; Cornélio decidiu-se a ir atacar o demônio em sua fortaleza. Sem perder um instante, parte para Escepsis. O governador dessa cidade era Demétrio, espécie de filósofo racionalista que não cria em nada, a não ser na obrigação de odiar a verdade.

XXVIII

Sabendo da chegada de Cornélio, manda logo chamá-lo e lhe pergunta quem é, de onde vem e por que vem. Com franqueza toda militar, Cornélio lhe responde:

> *Sou o servo do Deus vivo e venho tirar-vos das profundas trevas em que estais sepultado e fazer brilhar a vossos olhos a luz da verdade.*

Nada compreendendo dessa linguagem, Demétrio lhe diz:

> *Pergunto-te uma coisa e tu me respondes outra! Por todos os deuses, se não me disseres em pormenor quais são os teus desígnios e quem te envia, pagarás com a cabeça!*

XXIX

> *Sou centurião — responde-lhe Cornélio; e, depois de lhe ter contado a sua história, acrescenta: — Tendo sabido que estáveis, vós, vossa mulher e todos os vossos administrados, nas trevas da idolatria, vim para vos dar a conhecer o verdadeiro Deus.*

> *— Estás delirando — disse-lhe Demétrio —, e terei pena de ti. Basta de tuas patranhas, e começa por sacrificar aos deuses.*

> *— A que deuses? — perguntou Cornélio.*

> *— A quais outros — disse Demétrio — senão a Júpiter e a Apolo? Se recusares, serás tratado como sacrílego; e veremos se há outro Deus que possa libertar-te de minhas mãos.*

> *— Sim, há um que não só pode libertar-me de vossas mãos, mas reduzir a pó os vossos deuses e fazer desvanecer a confiança que neles pondes.*

> *— Já te jurei que, se não sacrificares aos deuses, te entregarei aos suplícios, e não me crês!*

> *— Demétrio, ouvi-me: não sacrifico a deuses surdos e mudos; pois está escrito: Adorarás um só Deus e só a ele servirás. De resto, mostrai-me os vossos deuses.*

XXX

Demétrio toma esse pedido por uma disposição de sacrificar.

> *Abra-se — diz — o templo de Júpiter e de Apolo e conduza-se para lá este estrangeiro.*

A notícia do que vai passar-se espalha-se pela cidade e o povo acorre em multidão ao templo, precedido de Demétrio, de sua mulher Eventia e de seu filho Demétrio.

Chegado ao templo, Cornélio, segundo o costume dos cristãos, volta-se para o Oriente e faz esta oração:

> *Ó Deus, que fazeis tremer a terra; que revolveis as profundezas do mar; que, no tempo de Davi, destruístes o templo de Bel, matastes o dragão e acorrentastes os leões, derrubai este templo e quebrai todos os ídolos, para que este povo conheça o poder do vosso braço!*

XXXI

Terminada a oração, Cornélio sai do templo, cujas colunas se agitam sobre as bases; ouvem-se estalidos: todos se apressam em fugir. O templo desaba e os ídolos se quebram em mil pedaços. Sob as ruínas ficam sepultados a mulher e o filho do governador.

Cheio de cólera, Demétrio manda prender o taumaturgo. O velho capitão não se assusta por tão pouco. Com passo firme avança para o governador e lhe diz sorrindo: *«Onde estão agora os vossos grandes deuses?»* —

> *É por teus segredos mágicos que destruíste o nosso templo e quebraste as estátuas de nossos deuses; mas me pagarás caro!*

Depois, voltando-se para os soldados de sua guarda:

> *Levem-no à prisão; pendurem-no pelos pés e pelas mãos atados juntos, e deixem-no nessa posição durante toda a noite!*

A ordem é executada imediatamente.

XXXII

Entretanto, um criado de Demétrio, chamado Télefo, chega fora de si e lhe diz: *«Minha senhora e vosso filho pereceram nas ruínas do templo.»* Demétrio já não se reconhece; acusa seus deuses de impotência; censura-lhes o terem-se deixado vencer por um estrangeiro; e, enfim, ordena que se procure o mais depressa possível sob os escombros o corpo de sua mulher e de seu filho.

À notícia dessa desgraça, os principais habitantes da cidade acorrem à casa do governador para consolá-lo. O palácio estava cheio deles quando o sacerdote dos ídolos, encarregado de presidir à remoção dos escombros, veio dizer aos criados de Demétrio:

> *Ouve-se debaixo dos escombros a voz de Eventia e de seu filho, que gritam: "Grande é o Deus dos cristãos, que nos salvou deste perigo, à oração de seu servo! Demétrio, Demétrio, adorai-o conosco e com toda a nossa família; e dizei a seu servo que venha libertar-nos."*

XXXIII

Ébrio de alegria, o governador corre à prisão. Cornélio se apresenta a ele, libertado de suas cadeias pelos anjos, como são Pedro o fora, passeando e louvando a Deus. Demétrio caiu a seus joelhos exclamando:

> *Grande é o Deus de Cornélio, que salvou minha mulher e meu filho nas ruínas do templo! Servo do mais poderoso dos Deuses, nós creremos no Crucificado que pregas, eu e todos os que estão comigo, se vieres retirar vivos meu filho e minha mulher dos escombros sob os quais estão sepultados.*

XXXIV

A proposta é aceita. De pé entre as ruínas do templo, Cornélio faz em voz alta, na presença da multidão, esta bela oração:

> *Senhor, Deus das virtudes, de quem um olhar abala a terra, derrete as montanhas e seca os abismos do mar, ouvi os gemidos dos acorrentados e retirai da terra Eventia e seu filho, para a glória do vosso nome.*

XXXV

Imediatamente os escombros se entreabrem e deixam sair cheios de vida a mulher e o filho do governador. De seus lábios escapa logo este grito repetido por todo o povo: *«Grande é o Deus dos cristãos, que nos livrou da morte por seu servo Cornélio!»* Na mesma hora duzentas e sete pessoas pediram o batismo; foram imitadas pelo governador, sua mulher, seu filho e a cidade inteira.

XXXVI

Lamenta-se que a história não tenha conservado outros traços da vida do bravo centurião; pois tudo leva a crer que foi digna de sua milagrosa vocação. Seja como for, depois dessa esplêndida conversão, o venerável bispo voltou a Cesareia, onde morreu a 2 de fevereiro, dia em que a Igreja latina celebra sua festa. Em que ano? Não o sabemos.

XXXVII

O que sabemos é que a casa de Cornélio foi transformada em igreja e tornou-se talvez a sua catedral. Essa venerável igreja, berço da gentilidade, ainda existia no fim do século IV, bem como outros monumentos da primeira idade da fé. Narrando sua viagem com são Paulo:

> *No dia seguinte — diz são Lucas — havendo partido d'allí, chegámos a Cesaréa. E entrando em casa de Filippe o evangelista, que era hum dos sette, ficámos com elle. E tinha elle quatro filhas virgens, que profetavão.*[16]

Sobre o que são Jerônimo, descrevendo o itinerário de santa Paula, de Roma a Jerusalém, nos diz que a neta dos Cipiões, portanto parenta do centurião Cornélio, desembarcou em Cesareia e visitou a casa de Cornélio, tornada igreja; a morada do diácono Filipe e os aposentos de suas quatro filhas;[17] e, em outro lugar:

> *as quatro filhas foram as primícias das virgens entre os gentios, a fim de que Cesareia, berço da fé das nações, se tornasse também o primeiro canteiro da virgindade cristã.*[18]

XXXVIII

A maior parte dos interessantes pormenores que acabam de ser lidos se encontra na *Grande Vida dos Santos* de Surio, amigo íntimo do papa são Pio V, que o tinha em afeição e estima particular por causa de sua ciência e de sua virtude. Por sua vez, Surio traduz frequentemente Metafrasto. Como os hipercríticos se encarniçaram em denegrir esse grande homem, que se pode chamar o Bolandista do Oriente, é para nós um dever opor às suas negações injustificadas a autoridade de um sábio de primeira ordem e célebre apologista da Religião, o venerável cardeal Belarmino.

XXXIX

Nascido em Constantinopla, no século IX, de ilustre família, e elevado por seu mérito aos mais altos cargos do império, Simeão Metafrasto unia ao ardor do estudo a santidade da vida. A pedido do

imperador Leão, o Filósofo, escreveu as *Vidas dos Santos*, tiradas dos antigos monumentos; fez no Oriente o que, por ordem de Luís XIII, Du Saussay fez mais tarde no Ocidente. Ministro do imperador e escrevendo por suas ordens, é indubitável que todos os arquivos lhe foram abertos e que até se devem ter apressado em fornecer-lhe todos os documentos desejáveis.

XL

Esses documentos devem ter sido muito preciosos e muito numerosos.

Por duas razões: a primeira, por causa do grande número de mosteiros que se encontravam nas diferentes províncias do império; a segunda, porque o Oriente é por excelência o país da tradição. Assim, por um lado, ninguém jamais esteve tão bem situado quanto Metafrasto para conhecer os monumentos religiosos da Igreja oriental; e, por outro, a ciência e a santidade de Metafrasto respondem de que esses monumentos foram conscienciosamente estudados. Se em sua coleção se encontram erros de pormenor, qual é a obra de longo fôlego que deles esteja isenta?

XLI

> *Metafrasto — diz Belarmino — escreveu as Vidas dos Santos e as Conversões dos pagãos em tão grande número que parecem inverossímeis; do mesmo modo, muitos milagres ocorridos na queda dos templos e dos ídolos, de que nenhuma menção se faz nos antigos historiadores; mas ele pôde encontrar, nas bibliotecas que vasculhou, manuscritos fiéis, de que se serviu para trazer à luz coisas antes desconhecidas. Não se deve, pois, acusar facilmente de falsidade tão grande e tão santo homem.*[19]

XLII

A história maravilhosa do centurião Cornélio nos mostra que havia entre os pagãos homens tementes a Deus, que cumpriam seus deveres para com ele tão bem quanto o permitia a medida de graças e luzes de que eram favorecidos. Assim, a salvação nunca foi impossível a ninguém, e ninguém será condenado senão por sua culpa. Cremos até que, em geral, os povos pagãos valiam mais do que os pretensos grandes homens que nos fazem admirar. Não é contra o pobre povo, mas contra os sábios pagãos, os filósofos pagãos, que são Paulo lança as terríveis acusações que se leem no capítulo I da Epístola aos Romanos.[20]

Notas

[1] *Nec dubium ejus nationis illos fuisse milites ex qua cohors tota erat denominata... Erantque cohortium nomina sicut et legionum, quæ etiam denominatæ sæpe reperiuntur a provinciis, ex quibus milites delecti essent.* («Não há dúvida de que esses soldados eram da nação de que toda a coorte tirava o nome... E os nomes das coortes, como os das legiões, frequentemente se acham tomados das províncias de onde os soldados eram escolhidos.») Bar., an. 41, n. 3; Dio Cass., *Hist.*, lib. V e lib. VI.

[2] *Annal.*, lib. XV, c. 6; *Hist.*, lib. II, c. 74; lib. II, c. 1; Akerman, nos *Annales de phil. chrét.*, 1850, p. 96 e segs.

[3] Gruter, *Corp. inscript.*, p. 434.

[4] *Hist.*, lib. LIII.

[5] *Sextae (Legiones) duæ, una in inferiori Britannia, Victrix; altera in Judæa, Ferrata.* («Das sextas legiões, duas: uma na Britânia Inferior, a Vitoriosa; outra na Judeia, a Ferrata.») *Hist.*, lib. LV, p. 494, ed. in-fol. Hamburgo, 1752.

[6] *Thesaur. rer. antiq.*, p. 95.

[7] *Ibid.*

[8] Plín., *Hist.*, lib. III, c. 37; Ptolem., *Geograph.*, lib. II, c. 4.

[9] *Non a Legione, sed a natione inditum est cohorti nomen, ut Italica diceretur.* («Não foi da legião, mas da nação que se deu o nome à coorte, de modo que se dissesse Itálica.») An. 41, n. 3.

[10] *Onomast. rom. litt.* C, p. 279.

[11] *Vere nunc in te (o Lucini Boetice) Sermo Dominicus completus est: Multi ab Oriente et Occidente venient, et recumbent in sinu Abrahæ. Cornelius Centurio cohortis Italicæ, jam tunc Lucinii mei præfigurabat fidem. Apostolus Paulus scribens ad Romanos: Cum, inquit, in Hispaniam proficisci cœpero, spero quod præteriens videam vos, et a vobis deducar illuc. Tantis fluctibus approbavit, quid de illa provincia quæreret.* («Verdadeiramente agora em ti (ó Lucínio Bético) se cumpriu a palavra do Senhor: Muitos virão do Oriente e do Ocidente e repousarão no seio de Abraão. O centurião Cornélio, da coorte Itálica, já então prefigurava a fé do meu Lucínio. O apóstolo Paulo, escrevendo aos Romanos, diz: Quando eu começar a partir para a Espanha, espero que, de passagem, vos veja e por vós seja encaminhado até lá. Com tantas ondas provou o que buscava naquela província.») T. I, *Epist. ad Lucin. Boet.*

[12] Hoje Loddo.

[13] Hoje Jafa.

[14] An. 40, n. 18.

[15] Região da Ásia Menor, chamada hoje Kavassi; contava entre suas cidades Escepsis, que ainda existe e onde foram, diz-se, reencontradas as obras de Aristóteles, longamente perdidas.

[16] At XXI, 8, 9.

[17] *Martyrol. Rom.* e *Annotat.*

[18] Adr. Jorin, lib. I.

[19] *Metaphrastes scripsit Vitas Sanctorum et conversiones paganorum cum tanto numero ut incredibiles videantur; denique miracula plurima in eversione templorum et idolorum, quorum mentio nulla est apud veteres historicos. Sed habere potuit ex Bibliothecis quas perscrutatus est, manuscripta fidelia rerum antea occultarum, quibus usus fuerit: unde non facile tantus et tam sanctus vir falsitatis insimulari debet.* («Metafrasto escreveu as Vidas dos Santos e as conversões dos pagãos em tão grande número que parecem incríveis; enfim, muitíssimos milagres na destruição dos templos e dos ídolos, de que não há menção alguma nos antigos historiadores. Mas pôde ter tirado das bibliotecas que vasculhou manuscritos fiéis de coisas antes ocultas, dos quais se serviu; por isso não se deve facilmente acusar de falsidade homem tão grande e tão santo.») *De Scriptor. Eccles.*, lib. I.

[20] Ver: Mamachi, *Origin. et Antiquit. christ.*, t. I, lib. I, c. 1, p. 78, in-4º, Roma, 1749; *Onomast. Rom. litt.* C, p. 253; Cor. a Lap., *in Act. Ap.*, c. x, 1; Bar., an. 41, n. 3; Dio Cass., *Hist.*, lib. 5 e 55; Tacit., *Annal.*, lib. XV, c. 6; *Hist.*, lib. 2, c. 74; e lib. 8, c. 1; Akerman, nos *Annales de phil. chrét.*, 1850, p. 96 e segs.; Onuphr. Panvin., *Rei public. Rom. Commentar. imper. Rom.*, p. 170 e 179; Goltzius, *Thesaur. rer. antiq.*, p. 95; Litt. Cohort., 6; Tit. Liv., *Hist.*, lib. 35 e 53; Plín., *Hist.*, lib. III, c. 4; Ptolem., *Geograph.*, lib. II, c. 4; Bivarius, in *Chron. L. Dexter.*, an. 34, 40, etc.; S. Hieron., t. I, *Epist. ad Lucinium*; Surius, *Vit. SS.*, 13 septemb.; *Martyrol. Rom.*, 2 februar., cum adnotat.; Petrus de Natalib. episc. Equil., *Catalog. SS.*, lib. 3, p. 43; S. Hieron., *Adv. Jovin.*, lib. I; Bellarm., *De Scriptor. Eccl.*, lib. 1, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:29 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:30 by Admin